



3 CONTOS

por
Guy de Maupassant

**UM BRAVO, O VISCONDE DE SIGNOLES
O ADEREÇO
O VADIO**

UM BRAVO, O VISCONDE DE SIGNOLES

Chamava-se Gontran Joseph de Signoles, era visconde e em sociedade todos o conheciam pelo «Belo Signoles».

Órfão e possuidor de razoável fortuna, fazia figura, como é uso dizer-se. Tinha um aspecto atraente e apresentava-se bem, dotes suficientes para fazer acreditar em muitos predicados, sem excluir, até, uma certa dose de espírito; aliava à graça natural um ar de nobreza e altivez, usava bigode e tinha uns olhos meigos, coisas de muito agrado às mulheres.

Procurado nos salões, reclamado pelo olhar das damas amigas de valsar, o seu rosto de pessoa enérgica inspirava aos homens aquela cínica inimizade que é costume desfazer-se em sorrisos.

Atribuíam-lhe muitas daquelas aventuras que tornam invejável a reputação dum homem. Vivia feliz e tranquilo, respirava bem-estar por todos os poros. Sabia-se que esgrimia admiravelmente a espada e melhor era ainda a sua reputação como atirador à pistola.

- Quando um dia me bater - assim o afirmava - escolherei a pistola. É a arma com que tenho a certeza de matar qualquer adversário.

Ora uma noite, fora ao teatro com dois amigos que se faziam acompanhar das suas jovens esposas e, à saída do espectáculo, a seu convite, entraram todos na casa Trotoni para tomar sorvetes. Pouco tempo depois de ali estarem, uma

das senhoras descobriu que um homem, que estava sentado numa mesa próxima, a fitava com obstinação. Nervosa a princípio, a alvejada, acabou por baixar a cabeça, de vergonha; depois, mais inquieta, voltou-se para o marido e disse com certo azedume:

- Está ali um homem que não faz outra coisa senão olhar para mim. Não o conheço. E tu?

O marido, que até então nada tinha percebido, levantou os olhos e informou:

- Não, também não conheço.

Momentos depois a esposa, entre sorridente e enfastiada, queixou-se:

- Aquele maçador está a estragar-me o gelado.

O marido encolheu os ombros:

- Deixa! Não faças caso. Se nos preocupássemos com todos os insolentes que encontramos não sei o que seria deste mundo.

Nesta altura o visconde levantou-se bruscamente. Não podia permitir que qualquer desconhecido estragasse assim um gelado oferecido a uma senhora. A ele, só a ele, a injúria era dirigida, pois por sua causa e para lhe serem agradáveis é que os amigos tinham acedido a entrar naquele café.

Adiantou-se para o homem e disse rispidamente:

- Não tolero essa maneira ofensiva de fitar estas senhoras. Espero que faça o favor de não insistir.

O outro replicou:

- Não me mace, deixe-me em paz.

E o visconde de dentes cerrados, respondeu:

- Cuidado! Não me faça perder a cabeça.

O desconhecido deu por resposta uma só palavra, uma palavra obscena que entoou por todo o café e produziu um efeito semelhante ao distender rápido de uma mola de aço; todos os assistentes reagiram bruscamente. Os que estavam de costas, voltaram-se: outros levantaram a cabeça; três rapazes que tomavam bebidas ao fundo da sala rodavam sobre os saltos como se fossem piões e as duas empregadas do balcão, como dois autómatos, viraram-se com uma rapidez fantástica para o lado donde a palavra viera.

Fez-se um grande silêncio. Depois, sem que houvesse tempo para qualquer reacção, estoirou, no ar, um ruído seco. O visconde esbofeteara o insolente. Toda a gente se levantou para separar os contendores. Depois, os dois homens trocaram cartões.

O visconde entrou em casa e passeou, durante algum tempo, no quarto, dum lado para o outro. Tão agitado se sentia que era incapaz de reflectir, de pensar fosse o que fosse.

Só uma ideia lhe dominava o espírito, ideia que nessa altura não lhe despertava qualquer espécie de emoção: o duelo, pensava no duelo. Estava certo de que tinha procedido como devia; reagira dignamente. Falariam, dar-lhe-iam razão, felicitá-lo-iam.

Falando em voz alta, como acontece a toda a gente

que a indignação faz saltar fora de si, exclamou:

- Que brutamontes!

Sentou-se e a reflexão voltou. Precisava de ir, logo de manhã, procurar testemunhas. E quem escolheria? Esforçava-se por lembrar as pessoas mais importantes e melhor colocadas das suas relações e por fim optou pelo marquês de La Tournoire e pelo coronel Bourdin: um fidalgo e um militar. Satisfez-se com a escolha, os padrinhos eram conhecidos nos jornais. Teve sede e bebeu um, dois copos de água; depois continuou o seu passeio pelo quarto. Uma energia estranha o tomou e então achou-se capaz de todas as audácias, capaz de exigir as mais arriscadas condições. Se reclamasse um duelo sério, muito sério, uma luta feroz, possivelmente faria recuar o adversário e este pediria as suas desculpas.

Pegou novamente no cartão que tirara da algibeira e deixara em cima da mesa e voltou a lê-lo, como já fizera no café, no trem de aluguer e à luz de cada bico de gás que encontrou ao caminho quando voltava para casa. «Georges Lamil, 51, rue Moncei» e nada mais.

Aquelas letras pareciam-lhe misteriosas estavam cheias de um sentido confuso. Georges Lamil? Mas quem seria aquele homem? Em que se empregaria? Porque olhara com tal insistência a mulher do seu amigo?

Não era revoltante o facto de um estranho, de um desconhecido qualquer vir, dum momento para o outro, perturbar a vida dum homem só porque lhe apetecera fitar com insolência um rosto de mulher? A este pensamento repetiu indignado:

- Que brutamontes.

De pé e imóvel, com o olhar fito no cartão de visita, o visconde cismava.

Aquele pedaço de papel viera despertar-lhe uma cólera surda, um ódio a que se vinha juntar um estranho e indefinido sentimento de mal-estar. Um caso estúpido! Pegou num canivete que encontrara à mão, abriu-o e raspou no sítio do nome do cartão, como se estivesse apunhalando alguém.

Era preciso bater-se. Escolheria a espada ou a pistola: sim, ele é que escolheria, visto considerar-se ofendido. Se com a espada havia um risco menor, a pistola teria a vantagem de forçar a desistência do adversário. Um duelo à espada só em casos de exceção podia ser mortal - a recíproca prudência dos contendores fá-los afastar, fá-los guardar-se de forma a que as pontas das espadas não possam ferir profundamente. Se sabia que num encontro à pistola arriscava a vida, maiores eram também as possibilidades de sair airoso da situação e com todas as honras, sem que o duelo chegasse a realizar-se.

Talvez para ganhar coragem, para vencer o silêncio, disse:

- Se for enérgico, ele, certamente, terá medo.

Mas o som da sua própria voz fê-lo estremecer. O nervosismo aumentava. Bebeu mais um copo de água e seguidamente começou a despir-se. Depois meteu-se na cama, apagou a luz e fechou os olhos.

Não dormia, o cérebro trabalhava:

«Tenho todo o dia de amanhã para tratar de tudo o que necessito. Durmamos um pouco. O sono é um óptimo remédio».

Se bem que a cama fosse confortável, não conseguia adormecer. Não encontrava posição. Deitava-se de costas, permanecia assim cinco minutos; depois; voltava-se para o lado esquerdo, a seguir para o direito... e o sono não vinha.

A sede torturava-o. Levantou-se para beber e sentiu-se inquieto.

- Terei medo? Acaso terei medo?

Porque lhe bateria o coração desordenadamente quando qualquer ruído, mesmo familiar, se fazia ouvir no quarto? Até o arrastar da mola que movia o pêndulo do relógio o punha em sobressalto; faltava-lhe o ar, precisava abrir a boca para respirar, tal era a força que lhe oprimia o peito.

Deu-se a um raciocínio frio e perguntou, perturbado, novamente a si próprio:

- Terei medo?

Certamente que não, pois estava resolvido, sem vacilações, a bater-se. Contudo uma nova interrogação o deixou profundamente perturbado.

Poder-se-á ter medo mesmo contra a nossa vontade?

Esta dúvida inquietante, este temor avassalava-o. Se existisse uma força mais poderosa, uma força superior às suas próprias forças que o dominasse, o que sucederia? Sim, o que poderia acontecer? Certamente que iria bater-se, uma vez que tal desejava. Mas se tremesse? Mas se desmaiasse? Pensava com egoísmo na sua reputação, na mancha que ficaria sobre o seu nome.

Um desejo absorvente o fez saltar da cama e encaminhar-se para o sítio onde se encontrava o espelho. Acendeu a vela. Ao ver o rosto reflectido no vidro polido que estava à sua frente, não se reconheceu, convenceu-se mesmo de que nunca se tinha visto. Os olhos, muito abertos, pareceram-lhe enormes; estava pálido, muito pálido mesmo.

Ficou de pé algum tempo, em frente do espelho. Deitou a língua de fora para avaliar do seu estado de saúde e, repentinamente, foi assaltado por um mau pensamento:

- É possível que depois de amanhã, a esta mesma hora, já esteja morto.

E o coração voltou de novo a bater-lhe desordenadamente.

- Sim, é possível que depois de amanhã, a esta mesma hora, esteja morto. E não tornarei a ver este rosto que agora se projecta no espelho. Mas será possível? Eu que vejo tudo o que me rodeia, que sinto a vida a pulsar... e dentro de vinte e quatro horas poderei encontrar-me, nesta mesma casa e neste mesmo quarto, morto, de olhos fechados, frio, inanimado?

Voltou a deitar-se e viu-se estendido no leito e nos mesmos lençóis que momentos antes acabara de deixar. Tinha o mesmo rosto cavado dos mortos e as mãos moles, tão moles como aquelas que nunca mais se mexerão.

Desviou os olhos da cama; teve medo e, para fugir à estranha visão, atravessou o quarto a passos largos e dirigiu-se à sala de fumo. Num gesto mecânico, pegou numa vela, acendeu-a e continuou a andar. Sentiu frio e foi direito à campainha na intenção de chamar o criado de quarto. Já com a mão no cordão, ainda ganhou forças para se deter.

- Ele vai, certamente, perceber que tenho medo.

Desistiu de chamá-lo e acendeu o lume. As mãos tremiam-lhe nervosamente quando tocava em qualquer objecto. Desvairamento... Com a perturbação os pensamentos tornaram-se-lhe fugazes, bruscos, dolorosos: uma lassidão semelhante à da embriaguez lhe invadia o espírito e sem cessar perguntava:

- Que farei? O que será de mim?

O corpo tremia-lhe todo, sacudia-se como vara verde ao vento. Aproximando-se da janela, correu as cortinas.

Despontava a manhã de um dia de Verão. O céu róseo emprestava a sua cor a toda a cidade; róseos eram os telhados, róseas eram as paredes. Uma enorme toalha de luz, uma verdadeira carícia do sol nascente envolvia a terra ao seu despertar. E esta claridade trouxe ao coração do visconde uma esperança radiosa e rápida como um deslumbramento mas ao mesmo tempo brutal. Um doido, sim, era um doido por se deixar arrastar pelo medo sem que nada estivesse decidido, sem que ao menos as suas testemunhas se tivessem avistado com as de Georges Lamil, sem que ao menos soubesse se teria ou não de bater-se.

Lavou-se, vestiu-se e saiu de casa num passo firme e decidido.

Enquanto caminhava, repetia, para ganhar forças:

- Preciso de mostrar-me enérgico, muito enérgico mesmo. Sim, preciso de mostrar que não tenho medo.

O marquês e o coronel, as testemunhas que convidou, aceitaram a incumbência, apertaram-lhe calorosamente a

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

